

MADRUGADORES SCHOENSTATT LISBOA

Madrugadores

Laudes, Peq almoço, Tema

Santuário Restelo, 1ºs sábados de cada mês, das 7:25 às 9:25

2 Março 2013

Junto textos de base à reflexão do encontro de hoje.

Com um abraço cordial,

José Pedro Mendonça

Homens de Schoenstatt | Lisboa | tm + 351 967880035 |

Caríssimo Pedro,

Estou no Algarve e pensei mandar este texto "O Inquisidor" para meditação.

É um texto dos «Irmãos Karamozov» de Dostoiévski.

Neste Ano da Fé pareceu-me que fosse interessante ver como um «socialista» daqueles tempos, com grande influência do positivismo de Augusto Comte, e do lado da Ortodoxia, olhava para Roma.

Até porque tudo isto nos interpela. Com a resignação do nosso Papa ainda mais urgente me parece perceber bem as correntes que diante de nós lutam muito violentamente, sem que muitas vezes nos demos conta.

Um grande abraço, A PRuivo

Extratos prévios (web) a respeito de Auguste Comte e «Irmãos Karamozov» de Dostoiévski.

Auguste Comte

Filósofo francês

Biografia de Auguste Comte:

Auguste Comte (1798-1857) foi um filósofo francês. Criou a corrente de pensamento chamada "Positivismo".

Auguste Comte (1798-1857) nasceu em Montpellier, França, onde fez os seus primeiros estudos. Em 1814 ingressa no curso de medicina na Escola Politécnica de Paris. Ficou conhecido da intelectualidade francesa depois que foi secretário do socialista Saint-Simon, de quem mas tarde viria a romper a amizade, por divergências ideológicas.

Comte passou a estudar as possibilidades de esboçar em teoria, um modelo ideal de sociedade organizada. Em 1822, publicou "Plano de Trabalhos Científicos para Reorganizar a Sociedade". Em 1830, iniciou o livro "Curso de Filosofia Positiva", concluído em 1842. Em 1848, criou uma Sociedade Positivista, que teve muito adeptos e influenciou o pensamento de teóricos por todo o mundo.

Na obra "Discurso sobre o Espírito Positivo", escrita em 1848, Comte afirma que o espírito positivo, que compreende a inteligência, os sentimentos e as ações positivas, é maior e mais importante que a mera cientificidade, que abrange somente questões intelectuais. Na obra "Sistema de Política Positiva" Comte institui a "Religião da Humanidade" que se caracteriza pela busca da unidade moral humana.

Importante ressaltar que as idéias do positivismo inspiraram até a inscrição da bandeira brasileira "Ordem e Progresso", inspirada no lema de Auguste Comte que diz: "Amor como princípio, ordem como base e progresso como objetivo". Suas ideias inspiraram o exército brasileiro e a proclamação da República do Brasil em 1889.

O pensamento positivista pregava um modelo de sociedade organizada, onde o poder espiritual não teria mais importância, sendo os sábios e cientistas a primazia nas decisões. Entre seus lemas destaca-se: "Não há problema que não possa em última instância ser reduzido a números".

Auguste Comte morreu em Paris, França, no dia 5 de setembro de 1857.

Obras de Auguste Comte

Plano de Trabalho Científico para Reorganizar a Sociedade, 1822

Opúsculos de Filosofia Social, 1816-1828

Curso de Filosofia Positiva, 1830-1842

Discurso sobre o Espírito Positivo, 1848

Discurso sobre o Conjunto do Positivismo, 1848
Catecismo Positivista, 1852
Sistema de Política Positiva, 1851-1854
Apelo aos Conservadores, 1855
Síntese Subjetiva, 1856

Ainda http://pt.wikipedia.org/wiki/Auguste_Comte

... No período de 1817-1824 foi secretário do conde Henri de Saint-Simon, expoente do socialismo utópico. São dessa época algumas fórmulas fundamentais: "Tudo é relativo, eis o único princípio absoluto" (1819) e "Todas as concepções humanas passam por três estágios sucessivos - teológico, metafísico e positivo -, com uma velocidade proporcional à velocidade dos fenômenos correspondentes" (1822) "lei dos três estados". Em 1824, rompeu com Saint-Simon ao discordar das ideias deste sobre as relações entre a ciência e a reorganização da sociedade. Comte estava convicto que o mestre priorizava auxílio à elite industrial e científica do período com sacrifício da reforma teórica do conhecimento.

Os Irmãos Karamazov http://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Irm%C3%A3os_Karamazov

Os Irmãos Karamazov (em russo Братья Карамазовы, Brat'ya Karamazovy, AFI ['brat'jə karə'mazəvi]) é um romance de Fiódor Dostoiévski, escrito em 1879, uma das mais importantes obras das literaturas russas e mundiais, ou, conforme afirmou Freud[1]: "a maior obra da história". Freud considera esse romance, juntamente com Édipo Rei e Hamlet, três importantes livros a respeito do embate pai e filho, e retratam o complexo de Édipo.

É uma obra aclamada pela crítica e trata-se de uma narração muito pormenorizada como que de uma testemunha dos aludidos fatos numa cidade afastada russa. O narrador pede constantes desculpas ao leitor por não saber alguns fatos, por considerar a própria narrativa longa (mesmo nos formatos grandes o livro passa de 700 páginas) e por considerar seu herói alguém pouco conhecido ou, até mesmo, desimportante. A narrativa não só conversa com o leitor, mas é onipresente e também indica ou infere os pensamentos dos incontáveis personagens.

Provavelmente o nome Karamázov foi forjado a partir de "kara", "castigo" ou "punição", e do verbo "mázat", "sujar", "pintar", "não acertar". Significaria, então, aquele que com seu comportamento desacertado provoca a própria punição', segundo nota dos tradutores da obra.[2]

Índice

[esconder]

- 1 Se Deus não existe, tudo é permitido?
- 2 Sinopse
- 3 Referências
- 4 Ligações externas

Se Deus não existe, tudo é permitido?

Essa frase é frequentemente citada em relação a essa obra, porém nunca aparece dessa maneira. Ela é na verdade uma forma parafraseada de um trecho do livro onde narram a respeito de um artigo que o personagem Ivan Karamazov acaba de publicar em uma revista:

... ele (Ivan Fiodorovitch Karamazov) declarou em tom solene que em toda a face da terra não existe absolutamente nada que obrigue os homens a amarem seus semelhantes, que essa lei da natureza, que reza que o homem ame a humanidade, não existe em absoluto e que, se até hoje existiu o amor na Terra, este não se deveu a lei natural mas tão-só ao fato de que os homens acreditavam na própria imortalidade. Ivan Fiodorovitch acrescentou, entre parenteses, que é nisso que consiste toda a lei natural, de sorte que, destruindo-se nos homens a fé em sua imortalidade, neles se exaure de imediato não só o amor como também toda e qualquer força para que continue a vida no mundo. E mais: então não haverá mais nada amoral, tudo será permitido, até a antropofagia. Mas isso ainda é pouco, ele concluiu afirmando que, para cada indivíduo particular, por exemplo, como nós aqui, que não acredita em Deus nem na própria imortalidade, a lei moral da natureza deve ser imediatamente convertida no oposto total da

MADRUGADORES SCHOENSTATT LISBOA

lei religiosa anterior, e que o egoísmo, chegando até ao crime, não só deve ser permitido ao homem mas até mesmo reconhecido como a saída indispensável, a mais racional e quase a mais nobre para a situação. - página 109, da editora 34.

Durante uma célebre passagem, em que Ivan narra a seu irmão Aliéksiei uma poesia que esta escrevendo, intitulada O grande Inquisidor, este inquisidor, ao se deparar com Jesus que acaba de voltar a terra, questiona:

Será que não pensaste que ele (o Homem) acabaria questionando e renegando até tua imagem e tua verdade se o oprimissem com um fardo tão terrível como o livre arbítrio? - página 353 da editora 34.

Muito mais a frente no livro, Ivan considera a outra possibilidade. Se Deus não existir, e a religião fosse extinta de todas as formas, o que aconteceria?

Quando a humanidade, sem exceção, tiver renegado Deus (e creio que essa era virá), então cairá por si só, sem antropofagia, toda a velha concepção de mundo e, principalmente, toda a velha moral, e começara o inteiramente novo. Os homens se juntarão para tomar da vida tudo o que ela pode dar, mas visando unicamente à felicidade e à alegria neste mundo. O homem alcançará sua grandeza imbuindo-se do espírito de uma divina e titânica altivez, e surgirá o homem-deus. Vencendo, a cada hora, com sua vontade e ciência, uma natureza já sem limites, o homem sentirá assim e a cada hora um gozo tão elevado que este lhe substituirá todas as antigas esperanças no gozo celestial. Cada um saberá que é plenamente mortal, não tem ressurreição, e aceitará a morte com altivez e tranquilidade, como um deus. Por altivez compreenderá que não há razão para reclamar de que a vida é um instante, e amará seu irmão já sem esperar qualquer recompensa. O amor satisfará apenas um instante da vida, mas a simples consciência de sua fugacidade reforçará a chama desse amor tanto quanto ela antes se dissipava na esperança de um amor além-túmulo e infinito. - página 840 da editora 34.

O Grande Inquisidor

— Aqui também é impossível prescindir de um prefácio... ou seja, de um prefácio literário, fu! — riu-se Ivan —, mas que autor sou eu? Estás a ver, a história acontece no século dezasseis e nessa época... ainda te deves lembrar da escola, aliás... nessa época era costume, nas obras poéticas, fazer baixar à Terra as forças celestes. Já não falo de Dante. Em França, os funcionários do tribunal, e também os monges nos mosteiros, montavam espectáculos inteiros em que punham em cena a Virgem, os anjos, os santos, Cristo e o próprio Deus. Era tudo muito ingénuo nesses tempos. No *Notre Dame de Paris* de Victor Hugo, em honra do nascimento do delfim, no reinado de Luís XI, na sala da municipalidade é dado um espectáculo gratuito e edificante para o povo, sob o título «*Le bon jugement de la très sainte et gracieuse Vierge Marie*», em que ela se apresenta em pessoa e pronuncia o seu *bon jugement*. Na Rússia, em Moscovo, nos tempos anteriores a Pedro, o Grande, também se representavam de vez em quando espectáculos dramáticos deste género, baseados sobretudo no Velho Testamento; mas, para além dos espectáculos, corriam por todo o mundo muitas histórias e «poemas» em que actuavam, consoante a necessidade, os santos, os anjos e todas as forças celestes. Nos nossos mosteiros também se faziam traduções, cópias e mesmo composições originais destes poemas, ainda por cima nos tempos do jugo tártaro, e que tempos aqueles! Existe, por exemplo, um poemazinho monástico (traduzido do grego, evidentemente), a «Peregrinação da Virgem aos Sofrimentos», com cenas de uma ousadia comparável à de Dante. A Mãe de Deus visita o Inferno, e o seu guia «pelos sofrimentos» é o arcanjo Miguel. Vê os pecadores e os seus sofrimentos. Existe lá, a propósito, um curiosíssimo género de pecadores, num lago ardente: quem mergulha nesse lago, de modo a já não poder emergir, são «os esquecidos de Deus», expressão de grande força e profundidade. A Virgem, então, impressionada, a chorar, roja-se perante o trono divino e pede o indulto para todos os pecadores do Inferno, para todos os que viu, sem excepção. A conversa dela com Deus é extremamente interessante. Suplica, não quer afastar-se e, quando Deus aponta para as mãos e os pés do filho dela espetados com cravos e pergunta: como posso perdoar aos carrascos dele?, a Virgem ordena que todos os santos, todos os mártires, todos os anjos e arcanjos se rojem juntamente com ela aos pés de Deus e implorem o perdão para todos, indiscriminadamente. Por fim, consegue de Deus a paragem dos tormentos uma vez por ano, desde Sexta-Feira Santa até à Santíssima Trindade. Logo a seguir, os pecadores do Inferno agradecem a Deus e clamam: «Senhor, é justo o teu juízo.» O meu poema, se aparecesse naqueles tempos, seria do mesmo género. Pois bem, no meu poema aparece em palco Ele; também é verdade que não diz nada, apenas aparece e passa. Já decorreram quinze séculos desde o momento em que Ele fez a promessa de vir e ser rei no seu reino, quinze séculos desde que o seu profeta escreveu: «Está próximo o meu regresso.» «Deste dia e desta hora não sabe sequer o filho, mas unicamente o meu pai celeste», como disse Ele ainda na Terra. Mas a humanidade continua a esperá-lo com a mesma fé e o mesmo enternecimento. Oh, ainda com uma fé maior, porque já passaram quinze séculos desde que cessaram os sinais dos céus para o homem:

Acredita no que diz o coração,
Porque não há sinais do céu.

Apenas a fé no que o coração dita! É verdade também que naquela altura aconteciam muitos milagres. Havia santos que faziam curas milagrosas; a própria Rainha dos Céus descia sobre alguns justos, segundo as suas crónicas. Mas o Diabo não dorme, e já começaram a surgir no seio da humanidade as dúvidas na autenticidade de tais milagres. Foi precisamente nessa época que surgiu no Norte, na Alemanha, uma nova heresia terrível. Uma enorme estrela, «ardendo como uma tocha» (ou seja, similar da igreja) «caiu sobre as fontes das águas, e tornaram-se amargas». Estas heresias começaram, blasfemantes, a negar os milagres. Contudo, ainda mais ardente é a fé dos que permaneceram fiéis. As lágrimas da humanidade elevam-se para Ele como dantes, esperam-No, amam-No, depositam Nele a sua esperança, anseiam sofrer e morrer por Ele, como dantes... Por tantos séculos a humanidade tem implorado com fé e ardor: «Vem a nós, Senhor», tantos séculos tem clamado por Ele que, na sua misericórdia infinita, Ele quis descer aos que rezavam. Já antes descera, já visitara alguns justos, mártires e santos anacoretas ainda na Terra, como foi registado nas «crónicas das suas vidas». O nosso Tiútchev¹, acreditando profundamente na verdade das suas palavras, declarou que

Oprimido com o fardo da cruz,
No preparo de escravo, o rei dos céus
Percorreu-te toda, ó terra-mãe,
Caminhava por ti e abençoava.

Que era mesmo assim, isso garanto-te eu. Ora bem, quis aparecer nem que fosse por um instante diante do povo, do povo sofredor, imundamente pecador, mas que O amava com um amor de criança. A minha história desenvolve-se em Espanha, em Sevilha, nos tempos mais terríveis da Inquisição, quando, para glória de Deus, todos os dias ardiam pelo país as fogueiras e

Nos autos-de-fé magnificentes
Se queimavam os hereges malditos.

Oh, claro, não era este o cenário em que Ele regressaria, de acordo com o prometido, no fim dos tempos, em toda a glória celestial, súbito como «um raio a brilhar do ocidente ao oriente». Não, quis apenas fazer uma visitinha aos Seus filhos, momentânea que fosse, e precisamente ali onde crepitavam as fogueiras dos hereges. Com a sua infinita misericórdia, passa mais uma vez pelo meio das pessoas, naquela mesma imagem humana com que passara durante três anos e meio, quinze séculos antes. Desce às ruas e praças incandescentes da cidade meridional onde na véspera, na presença do rei, da corte, dos cavaleiros, dos cardeais e das damas mais encantadoras da corte, da numerosa população de Sevilha, foram queimados de uma assentada, num «magnificante auto-de-fé» e ad majorem gloriam Dei, quase uma centena de hereges. Apareceu sorrateiro, devagarinho, sem querer dar nas vistas e ... coisa estranha, toda a gente O reconhece. Poderia ser um dos melhores fragmentos do poema, isto é, saber a razão por que O reconhecem. O povo é atraído para Ele por uma força invencível, rodeia-O, aperta-se à volta Dele, segue-O. Ele passa em silêncio pelo meio da multidão com o Seu sereno sorriso de misericórdia infinita. O sol do amor arde no Seu coração, os

¹ Tiútchev, Fiódor (1803-1873), poeta russo. (NT)

raios da Luz, da Iluminação e da Força emanam dos Seus olhos e, derramando-se sobre as pessoas, comovem os corações de amor recíproco. Estende para eles as mãos, abençoa-os e, ao tocarem-Lhe, basta a fímbria do seu manto, emana Dele uma força curadora. Eis um velho, cego desde a infância, que grita do meio da multidão: «Senhor, cura-me, para que eu Te veja!», e parece que as escamas caem dos olhos dele e o cego vê-O. O povo chora e beija o chão por onde Ele passa. As crianças lançam flores aos Seus pés, cantam e gritam: «Hossana!» «É Ele, é Ele em pessoa», repete toda a gente, «só pode ser Ele, só Ele e mais ninguém». Pára à entrada da catedral de Sevilha no momento em que umas pessoas, em pranto, trazem para o templo um caixãozinho branco de criança, aberto: jaz nele uma menina de sete anos, filha única de um cidadão nobre. A criança morta está coberta de flores. «Ele ressuscita a tua filha», gritam da multidão à mãe em lágrimas. Um padre, saindo da catedral ao encontro do caixão, olha com perplexidade e carrega o sobrolho. Nisto, ouve-se um grito da mãe da criança defunta. Cai aos pés Dele: «Se és Tu, ressuscita a minha filha!», exclama ela, estendendo-Lhe as mãos. A procissão pára, pousa o caixão no adro, aos pés Dele. Ele olha com compaixão e pronuncia baixinho: «Talitha cumi», «levanta-te, menina». A menina levanta-se no caixão, senta-se e olha, com os olhinhos surpreendidos, em volta. Nas mãos tem o ramo de rosas brancas com que jazia no caixão. Entre o povo é a confusão, os gritos, o choro e, neste mesmo momento, vai pela praça, ao lado da catedral, o próprio grande inquisidor, o cardeal. É um velho de quase noventa anos, alto e de costas direitas, a cara ressequida, os olhos cavados, mas onde ainda cintila uma faísca de fogo. Oh, não vai trajado com os magníficos paramentos de cardeal que ostentava na véspera diante do povo quando queimavam os inimigos da fé romana — não, neste momento vai de singela sotaina monástica, velha e grosseira. Atrás dele, a uma certa distância, seguem os seus sombrios coadjuvantes e escravos e a guarda «santa». Pára diante da multidão e observa de longe. Viu tudo, viu como pousaram o caixão aos pés d'Ele, viu como Ele ressuscitou a menina. A cara do cardeal ensombreceu. Carrega o sobrolho espesso e branco, brilha-lhe o olhar num fogo sinistro. Aponta o dedo em riste e manda que os guardas O prendam. E tão grande é o seu poder, e a tal ponto o povo já está domado, submisso e amedrontado que a multidão se separa para deixar passar os guardas, e estes, no meio do silêncio de morte que de repente caiu, agarram-No e levam-No. Toda a multidão, da primeira à última pessoa, inclina as cabeças até ao chão diante do velho inquisidor, e este abençoa silenciosamente o povo e segue o seu caminho. A guarda leva o prisioneiro para um calabouço apertado, tenebroso e abobadado na casa antiga do Santo Ofício e fecha-o lá. Passa o dia, cai uma noite sevilhana escura, quente e «inanimada». O ar «cheira a louro e limão»². Na escuridão profunda abre-se de repente a porta de ferro e o próprio velho, o grande inquisidor, com um archote na mão, entra lentamente na enxovia. Está sozinho, a porta atrás dele fecha-se de imediato. Pára à entrada e, durante um ou dois minutos, perscruta o rosto do prisioneiro. Por fim aproxima-se, devagar, pousa o archote no suporte em cima da mesa e diz-lhe:

— És Tu? És Tu? — Como não recebeu resposta imediata, acrescenta rapidamente: — Não respondas, cala-Te. O que poderias dizer-me? Sei bem de mais o que me dirias. Também não tens o direito de acrescentar seja o que for àquilo que foi dito por Ti anteriormente. Por que vieste incomodar-nos? É que vieste incomodar-nos e Tu próprio sabe-lo muito bem. Sabes o que Te vai acontecer amanhã? Não sei quem

² De *Convidado de Pedra* de Aleksandr Púchkin (1799-1837). (NT)

és nem quero saber: que sejas Tu mesmo ou apenas uma aparência d'Ele, amanhã mesmo condeno-Te e queimo-Te na fogueira como ao pior dos hereges, e aquele mesmo povo que hoje Te beijava os pés, amanhã, ao meu primeiro sinal, correrá para a Tua fogueira para a alimentar com brasas. Sabias isso? Mas Tu, se calhar, já sabes — acrescenta pensativo, sem desviar o olhar do seu prisioneiro.

— Não compreendo bem, Ivan. O que é isso? — sorriu Aliocha, que até então estivera a ouvir em silêncio. — E uma fantasia desenfreada ou um erro do velho, um inconcebível *qui pro quo*³?

— ... Mas que diferença nos faz, a ti e a mim, que aquilo tenha sido um *qui pro quo* ou uma fantasia desenfreada? Importa apenas o facto de o velho ter necessidade de desabafar e de dizer aquilo que calou durante os seus noventa anos.

— E o prisioneiro também guarda silêncio? Limita-se a olhar para ele e não diz nada?

— Tem de ser mesmo assim, em todos os casos — Ivan voltou a rir-se. — O próprio velho previne que ele não tem o direito de acrescentar seja o que for ao que já tinha sido dito antes. Se quiseres, é nisso que reside a principal característica do catolicismo romano, pelo menos na minha opinião: «Tudo, supostamente, foi entregue por Ti ao santo papa, e tudo, por conseguinte, está agora nas mãos do papa, pelo que Tu, agora, não precisas de vir cá mais, não estorves, pelo menos antes do tempo.» É neste sentido que, não só falam, mas também escrevem os jesuítas. Eu próprio li as obras dos seus teólogos. «Terás o direito de anunciar-nos pelo menos um dos mistérios do mundo donde vieste?», pergunta-Lhe o meu velho e responde por Ele: «Não, não tens o direito, não podes acrescentar nada ao que já foi dito anteriormente, para não privares as pessoas da liberdade que tanto defendeste durante a Tua vida na Terra. Tudo o que anunciasses de novo atentaria contra a liberdade de fé das pessoas, porque apareceria como milagre; ora, a liberdade de fé delas era para Tia coisa mais preciosa, ainda naqueles tempos, mil e quinhentos anos atrás. Não foste Tu quem disse tantas vezes: "Quero tornar-vos livres"? Acabaste agora de ver essa gente livre» — acrescenta o velho com um sorriso significativo. — Sim, esta causa custou-nos muito — continua, olhando severamente para Ele —, mas acabámos por levar a cabo esta tarefa em Teu nome. Durante quinze séculos atormentámo-nos com esta liberdade, mas agora está tudo resolvido, e resolvido com solidez. Não acreditas que há solidez? Olhas para mim resignado e nem sequer me honras com a Tua indignação? Fica sabendo que hoje, precisamente hoje, estas pessoas estão mais do que nunca convencidas de que são absolutamente livres e têm, entretanto, trazido a sua liberdade até nós e tem-na depositado a nossos pés. Mas isso é obra nossa; e Tu, será que desejava uma liberdade assim?

— Continuo a não compreender — interrompeu-o Aliocha. — Ele está a ironizar, a gozar?

— De maneira nenhuma. Antes se atribui, a si e à sua gente, o mérito de terem finalmente vencido a liberdade com a intenção de darem a felicidade às pessoas. «Porque só agora (ele está a falar, é claro, da Inquisição) se tornou possível, pela primeira vez, pensar na felicidade humana. O homem foi criado em rebeldia; será que os rebeldes podem ser felizes? Avisaram-Te — diz-Lhe —, não Te faltaram avisos e conselhos, mas não deste ouvidos aos avisos, rejeitaste o único caminho pelo qual se podia organizar a felicidade para as pessoas, mas, por sorte, ao partires, entregaste-nos a causa. Prometeste, firmaste com a Tua palavra, deste-nos o direito de atar e

³ Confusão, mal-entendido (lat.). (NT).

desatar e, claro, nem pensar em tirar-nos esse direito agora. Por que vieste cá estorvar, então?» — O que significa isso de que não faltaram conselhos e avisos? — perguntou Aliocha.

—É precisamente nisso que consiste a essência do que o velho quer declarar. «Um espírito terrível e sábio, o espírito de auto-exterminação e de não-existência — continua o velho —, o grande espírito falava contigo no deserto e, nos livros, foi-nos transmitido que, supostamente, ele "Te tentava". Seria assim? E seria possível dizer alguma verdade maior do que a que ele Te proclamou em três perguntas que Tu rejeitaste e que nos livros foram chamadas de "tentações"? No entanto, se alguma vez foi feito na Terra algum trovejante e verdadeiro milagre, foi nesse dia, no dia das três tentações. Foi precisamente na formulação dessas três perguntas que consistiu o verdadeiro milagre. Se fosse possível imaginar, só como experiência e exemplo, que essas três perguntas do espírito terrível foram irremediavelmente perdidas nos livros e que era preciso recuperá-las, voltar a inventá-las para as introduzir outra vez nos livros, e se para isso se reunissem todos os sábios da Terra: governadores, sumos sacerdotes, cientistas, filósofos e poetas (e dar-lhes uma tarefa: inventai três perguntas, que não só correspondam à envergadura do acontecimento mas que também exprimam, em três palavras, em apenas três frases humanas, toda a futura história do mundo e da humanidade), então, achas que toda a sabedoria da Terra, em conjunto, poderia inventar alguma coisa igual em força e profundidade àquelas três perguntas que, de facto, Te foram propostas naquele momento pelo espírito poderoso e sábio do deserto? Só por estas perguntas, só pelo milagre do seu aparecimento, é possível compreender que não se trata do intelecto humano transitório, mas de um intelecto eterno e absoluto. Porque nestas três perguntas está contida e predita toda a futura história humana e estão presentes as três imagens a que se resumem todas as irresolúveis contradições históricas da natureza humana em toda a Terra. Naquele tempo isso não era ainda tão visível, porque o futuro era incógnito, mas agora, passados quinze séculos, vemos que tudo nessas perguntas estava tão bem formulado e profetizado, e que tudo se cumpriu com tanta exactidão, que é impossível acrescentar-lhes ou subtrair-lhes alguma coisa.

«Decide agora quem tinha razão: tu ou aquele que então Te indagava? Lembra-te da primeira pergunta; embora não seja à letra, o sentido dela era: "Queres ir para o mundo de mãos vazias, com uma qualquer promessa de liberdade que eles, na sua simplicidade e ignomínia inata nem sequer são capazes de consciencializar, de que têm medo, porque nada foi alguma vez mais insuportável para o homem e a sociedade humana do que a liberdade? Estás a ver estas pedras neste deserto nu e incandescente? Transforma-as em pães, e a humanidade seguir-te-á como um rebanho grato e obediente, embora sempre com medo de que retires a tua mão e já não tenha mais pães teus." Mas Tu não quiseste privar o homem de liberdade e rejeitaste a proposta porque, pelo teu raciocínio, que liberdade é essa se a obediência for comprada com pães? Argumentaste que nem só de pão vive o homem, mas sabes ou não que, em nome deste mesmo pão terreno, se revoltará contra Ti o espírito da Terra e lutará contra Ti, e Te vencerá, e todos irão atrás dele, exclamando: "Quem se igualará à besta que nos deu o fogo dos céus?" Sabes ou não que passarão séculos e a humanidade proclamará, pela boca da sua sabedoria e da

sua ciência, que não existe o crime e, portanto, não existe também o pecado, mas existem apenas os famintos? "Dá-lhes de comer e só depois lhes peças a virtude!", será isso o que escreverão na bandeira que levantarão contra Ti, com que destruirão o Teu templo e erguerão um novo edifício, erguerão de novo a terrível Torre de Babel e, embora esta também não seja construída até ao fim, como a anterior, poderias em qualquer caso ter evitado esta nova Torre e reduzido a mil anos os sofrimentos das pessoas, porque virão de novo ter connosco, depois de se terem atormentado durante mil anos com a sua Torre! Vão encontrar-nos então debaixo da terra, nas catacumbas, escondidos (porque seremos outra vez perseguidos e martirizados), encontrar-nos-ão e clamar-nos-ão: "Dais-nos de comer porque aqueles que nos prometeram o fogo dos céus não no-lo deram." Então construiremos a torre deles até ao fim, porque é isso que faz quem dá de comer, e seremos nós quem dará de comer em Teu nome, e mentiremos dizendo que é em Teu nome. Oh, nunca, nunca se alimentarão sem nós! Nenhuma ciência lhes dará o pão enquanto estiverem livres, mas acabarão por trazer a sua liberdade até aos nossos pés e por nos dizerem: "E melhor que nos escravizem mas dêem-nos de comer." Compreenderão finalmente que a liberdade e o pão terreno farto para todos serão inconciliáveis, porque nunca, mas nunca, conseguirão partilhá-lo entre si! Também se convencerão de que nunca poderão ser livres, porque são fracos, pervertidos, miseráveis e rebeldes. Prometeste-lhes pão celeste, mas, repito, como poderá ele igualar-se, aos olhos da tribo humana fraca, eternamente pervertida e ignóbil, ao pão terreno? E se Te seguirem, em nome do pão celeste, milhares e dezenas de milhares de pessoas, o que acontecerá com os milhões e dezenas de milhares de milhões de criaturas incapazes de desprezar o pão terreno em favor do pão celeste? Ou são queridos para Ti as dezenas de milhares dos grandes e fortes, e os restantes milhões, numerosos como as areias da praia, fracos mas que Te amam, devem servir apenas de material para os grandes e fortes? Não, também nos são queridos os fracos. São pervertidos e rebeldes, mas, no fim, serão precisamente eles os obedientes. Vão admirar-nos e considerar-nos deuses porque nós, à frente deles, consentimos em suportar o fardo da liberdade e em governá-los: tão terrível acabará por lhes parecer o serem livres! Mas diremos que obedecemos a Ti e governamos em Teu nome. Voltaremos a enganá-los porque não Te deixaremos, desta vez, aproximares-Te de nós. Nesta falsidade consistirá o nosso sofrimento, porque teremos de mentir. Era esse o significado daquela primeira pergunta no deserto e foi isso que rejeitaste em prol da liberdade, que colocaste acima de tudo. No entanto, nesta questão residia o grande segredo do mundo. Se tivesses aceitado os «pães», terias respondido à ânsia humana geral e eterna, tanto individual como da humanidade, à ânsia de a gente «se inclinar diante de alguém». Não há preocupação mais constante e torturante para o homem do que, ao ver-se livre, encontrar o mais depressa possível alguém diante de quem possa inclinar-se. Mas o homem procura inclinar-se perante aquilo que já é incontestável, tão incontestável que ninguém põe em causa a sua veneração. Porque a preocupação destes seres miseráveis não consiste apenas em encontrar aquilo perante o que se incline este ou aquele, mas em encontrar qualquer coisa em que todos acreditem e perante a qual todos se inclinem, o que deve ser feito obrigatoriamente por todos juntos. Esta necessidade de comunidade de veneração é justamente o tormento principal de cada indivíduo em separado e da humanidade em geral, desde o princípio dos tempos. Por causa da veneração universal, as pessoas têm-se exterminado à espada umas às outras. Criavam deuses e clamavam umas às outras: «Abandonai os vossos deuses e vinde venerar os nossos, senão: morte a vós e

aos vossos deuses!» Sempre assim foi e assim será até ao fim do mundo, mesmo quando desaparecerem do mundo também os deuses: mesmo assim, as pessoas prostrar-se-ão diante dos ídolos. Tu sabias, não podias deixar de saber este segredo primeiro da natureza humana, mas rejeitaste a única bandeira absoluta que Te propunham e que levaria a que Te venerassem sem contestação: a bandeira do pão terreno. Rejeitaste-a em nome da liberdade e do pão celeste. Vê o que fizeste a seguir, outra vez em nome da liberdade! Já Te disse que o homem não tem preocupação mais torturante do que encontrar alguém em quem possa delegar o mais depressa possível a dádiva da sua liberdade, liberdade com que a desgraçada criatura nasce. Contudo, só se apodera da liberdade das pessoas aquele que consiga acalmar a consciência delas. Com o pão, era-Te dada uma bandeira incontestável: dá o pão, e o homem inclina-se, porque não há nada mais incontestável do que o pão; mas se alguém que não Tu se apodera da sua consciência... oh, então o homem largará o Teu pão e irá atrás daquele que lhe seduziu a consciência. Nisso tiveste razão. Porque o mistério da existência humana não consiste em viver por viver, mas ter um sentido de vida. Sem uma noção firme do objectivo da vida o homem não consentirá em viver e antes se eliminará a si mesmo do que continuará na Terra, mesmo que tenha à volta dele muitos pães. É assim que se passam as coisas, mas o que aconteceu? Em vez de Te apoderares da liberdade das pessoas, acrescentaste ainda mais à sua liberdade! Esqueceste-Te de que a tranquilidade e até a morte são mais queridas para o homem do que a escolha livre no conhecimento do bem e do mal? Não há nada mais sedutor para o homem do que a liberdade da sua consciência, mas também não há nada mais torturante. Então, em vez dos fundamentos sólidos para a tranquilização das consciências humanas de uma vez por todas, preferiste tudo o que há de mais extraordinário, incerto e indefinido, tudo o que está fora das capacidades das pessoas e, ao procederes assim, procedeste como quem não as ama... E quem fez isso? Aquele que veio para dar por elas a sua vida! Em vez de Te apoderares da liberdade humana, multiplicaste-a e sobrecarregaste para sempre o reino espiritual do homem com os sofrimentos que da liberdade provêm. Desejaste o amor livre do homem, para que ele Te seguisse livremente, encantado e cativado por Ti. Em vez da sólida lei antiga, o homem, a partir de então, teve de decidir com o seu coração livre o que é o bem e o que é o mal, tendo como guia apenas a Tua imagem diante dele... Mas não pensaste que o homem acabaria por contestar e rejeitar até a Tua imagem e a Tua verdade se o oprimissem com um fardo tão terrível como a liberdade de escolha? As pessoas acabarão por clamar que não está em Ti a verdade, porque é impossível deixá-las numa confusão e num tormento maiores do que Tu fizeste ao legar-lhes tantas preocupações e tantos problemas irresolúveis. Foi deste modo que, Tu próprio, deste o início básico da destruição do Teu próprio reino, não podes acusar mais ninguém disso. Mas terá sido isso o que Te propuseram? Existem três forças, as únicas forças na Terra capazes de conquistar e cativar para sempre as consciências destes rebeldes fracos, para felicidade deles. Estas forças são: o milagre, o mistério e a autoridade. Rejeitaste o primeiro, o segundo e a terceira, dando-Te a Ti mesmo como exemplo a seguir. Quando o espírito terrível e sábio Te pôs no alto do templo e Te disse: "Se quiseres saber se és ou não o filho de Deus, atira-te daqui abaixo, porque foi dito dele que os anjos o apanhariam e segurariam, não o deixando cair e despedaçar-se; então saberás se és o filho de Deus e se tens fé no teu Pai", ouviste e rejeitaste a proposta, não cedeste, não Te atiraste do alto. Oh, é claro, procedeste orgulhosa e magnificamente, como um deus, mas será que as pessoas, esta tribo fraca e rebelde, são deuses? Oh, compreendeste então que, ao

dares um só passo, ao fazeres o movimento de Te atirares dali abaixo, tentarias o Senhor e perderias toda a Tua fé Nele, e despenhar-Te-ias contra a Terra a que desceras para a salvar e, então, rejubilaria o espírito sábio que Te tentava. Mas, repito, haverá muita gente como Tu? E poderias realmente supor, por um instante que fosse, que as pessoas também teriam forças para resistir a semelhante tentação? Terá a natureza humana sido assim criada, será ela capaz de rejeitar o milagre e, nos momentos terríveis da vida, nos mais terríveis dos momentos, nas questões da alma essenciais e torturantes, será a natureza humana capaz de seguir apenas a livre escolha do coração? Oh, sabias que a Tua façanha iria ser guardada nos livros, que chegaria até às profundezas dos tempos e até aos últimos confins da Terra, e tiveste a esperança de que, seguindo o Teu exemplo, o homem também ficaria com Deus sem precisar do milagre. Mas não sabias que bastaria ao homem rejeitar o milagre para também rejeitar imediatamente Deus, porque o homem não procura tanto Deus como procura o milagre. E, como o homem é incapaz de ficar sem milagre, criará para si mesmo novos milagres, seus próprios, e venerará o milagre dos curandeiros, a feitiçaria das mulheres, por cem vezes que o homem seja rebelde, herege e descrente. Não saíste da cruz quando Te gritavam, com troça escarninha: "Desce da cruz e acreditaremos que és Tu." Não desceste da cruz porque, mais uma vez, não quiseste escravizar o homem ao milagre, porque deseavas a fé livre e não a fé milagrosa. Deseavas um amor livre e não uma admiração escrava perante a potência que tinha aterrorizado o homem de uma vez por todas. Mas também neste sentido sobrestimaste as pessoas, porque, sem sombra de dúvidas, elas são escravas, embora tenham sido criadas em rebeldia. Olha em volta e julga, já passaram quinze séculos, vai vê-los: a quem elevaste, igualando-o a Ti mesmo? Juro que o homem foi criado mais fraco e baixo do que pensaste dele! Poderá, poderá ele cumprir a mesma coisa que Tu? Ao teres-lhe tanto respeito procedeste como se deixasses de ter compaixão por ele, porque exigiste de mais dele... E quem procedeu assim? Aquele que amou o homem mais do que a si mesmo! Se o respeitasses menos, exigirias menos dele, e isso estaria mais próximo do amor, porque faria menos pesado o fardo dele. O homem é fraco e vil. Que importa o facto de ele se amotinar agora, por todo o lado, contra o nosso poder e de se orgulhar com a sua rebelião? É um orgulho de criança da escola. São crianças pequenas que se revoltaram na escola e expulsaram o professor. Mas o entusiasmo das criancinhas chegará ao fim, e custar-lhes-á caro. Os homens destruirão os templos e inundarão a Terra de sangue. Mas perceberão finalmente essas crianças estúpidas que, embora rebeldes, são rebeldes fracos que não aguentam a sua própria rebelião. Banhando-se nas suas lágrimas estúpidas, acabarão por reconhecer que aquele que os criou rebeldes queria, sem dúvida, gozar com eles. Di-lo-ão em desespero, e a fala deles será uma blasfémia que os tornará ainda mais infelizes, porque a natureza humana não suporta a blasfémia e acaba por se vingar dela. Portanto, inquietude, ansiedade e desgraça: eis o destino actual do homem depois de teres sofrido tanto pela liberdade dele! O Teu grande profeta, na sua visão e na sua parábola, diz que viu todos os participantes da primeira ressurreição e que eram doze mil de cada tribo. Mas se este era o número deles, era-o como se não fossem pessoas, mas deuses. Suportaram a Tua cruz, suportaram dezenas de anos de deserto nu e faminto; alimentaram-se de gafanhotos e raízes, e Tu, é claro, podes apontar com orgulho para esses filhos da liberdade, do amor livre, do sacrifício livre e magnífico em Teu nome. Mas lembra-Te de que eram apenas uns poucos de milhares e, mesmo assim, quase deuses. E os outros? Que culpa têm os restantes, os fracos que não puderam suportar o mesmo que os fortes? Que culpa tem uma alma

fraca, incapaz de suportar tantas dádivas terríveis? Será verdade que vieste apenas para os eleitos e pelos eleitos? Se assim foi, trata-se de um mistério que não podemos compreender. Se é mistério, também nós tínhamos o direito de pregar o mistério e ensinar-lhes que não é a decisão livre dos corações deles nem o amor que têm importância, mas sim o mistério a que devem obedecer cegamente, esquecendo até a sua consciência. Foi isso que fizemos. *Corrigimos* a Tua façanha e baseámo-la em milagre, mistério e autoridade. E as pessoas ficaram contentes por serem de novo guiadas como um rebanho e por ter sido tirada dos seus corações a dádiva terrível que tanto sofrimento lhes causava. Diz-me, tínhamos razão ao ensinarmos e fazermos assim? Será que não amávamos a humanidade quando tomámos consciência, resignadamente, da impotência humana, quando aliviámos com amor o fardo desta humanidade e quando permitimos à sua natureza fraca o pecado também, desde que fosse autorizado por nós? Para que vieste então, agora, incomodar-nos? E por que me olhas penetrante e silencioso com os Teus olhos meigos? Zanga-Te, não quero o Teu amor porque eu próprio não Te amo. O que tenho a esconder de Ti? Será que não sei com quem estou a falar? O que tenho a dizer-Te já Tu o sabes, leio-o nos Teus olhos. Não serei eu quem esconderá de Ti o nosso segredo. Talvez queiras ouvi-lo precisamente da minha boca, então aqui vai: não estamos contigo, mas com ele, eis o nosso segredo! Há muito que não estamos contigo, mas com *ele*, há oito séculos. Há precisamente oito séculos recebemos dele aquilo que rejeitaste com indignação, aquela derradeira dádiva que *ele* Te propunha, mostrando-te todos os reinos do mundo: recebemos dele Roma e a espada do César e proclamámos que somos reis únicos na Terra, reis, embora até hoje não tenhamos conseguido levar a nossa causa até ao objectivo final. E de quem é a culpa? Oh, a obra está ainda no seu princípio, mas já começou. Há ainda muito que esperar até à sua conclusão, e a Terra vai ainda sofrer muito, mas alcançaremos o nosso objectivo e seremos Césares, e só então pensaremos na felicidade universal das pessoas. Entretanto, terias podido, já nessa altura, aceitar a espada de César. Por que rejeitaste essa última dádiva? Se tivesses aceitado o último conselho do espírito poderoso, terias completado tudo o que o homem procura na Terra, ou seja: diante de quem se deve a gente inclinar, a quem se deve entregar a consciência e de que maneira a gente se pode, finalmente, unir num formigueiro incontestado e solidário, porque a necessidade de união universal é o terceiro e último tormento das pessoas. A humanidade desde sempre aspirou a organizar a sua vida universalmente. Houve muitos grandes povos com grande História e, quanto mais altos eram esses povos, mais forte era a sua consciência, em relação aos outros, da necessidade da união universal das pessoas. Os grandes conquistadores, os Tamerlão e os Gengis-Cão, passaram como uma tempestade pela Terra, aspirando conquistar o universo, mas também eles, mesmo inconscientemente, exprimiram a mesma grande necessidade da união mundial e geral da humanidade. Tiveras tomado conta do mundo e aceitado o manto de César e terias fundado o reino universal e dado a todos a paz universal. Porque: quem mais deve dominar as pessoas senão aqueles que dominam a consciência delas e que têm na mão os pães delas? Fomos nós, então, que pegámos na espada de César e, ao pegarmos nela, rejeitámos-Te, obviamente, e seguimo-lo a *ele*. Oh, passarão ainda séculos de desmandos do intelecto livre, da ciência e da antropofagia deles, porque, ao começarem a construir a sua Torre de Babel sem nós, eles acabarão, sem dúvida, por chegar à antropofagia. Chegará então a besta, a rastejar, e começará a lambear os nossos pés, a salpicá-los com as suas lágrimas sangrentas. E montaremos a besta, e ergueremos a taça, e estará

escrito nela: "Mistério!" Então, e só então, chegará para as pessoas o reino da paz e da felicidade. Orgulhas-Te dos Teus eleitos, mas tens apenas eleitos, ao passo que nós acolheremos toda a gente. E também não é mesmo assim: não são poucos os tais eleitos, os fortes que poderiam tornar-se eleitos mas que acabaram por se cansar de ficar à Tua espera e que levaram, e levarão ainda, as forças do seu espírito e o ardor do seu coração para outro campo e acabarão por levantar contra Ti a sua bandeira livre. Mas foste Tu quem ergueu esta bandeira. Entretanto, connosco toda a gente será feliz, e não se vão exterminar uns aos outros por todo o lado, como fazem na Tua liberdade. Oh, conseguiremos convencê-los de que serão livres apenas quando desistirem da sua liberdade a nosso favor e quando se nos submeterem. Então, teremos razão e mentiremos? As próprias pessoas ficarão convencidas de que temos razão porque se hão-de lembrar dos horrores de escravidão e perturbação a que as levou a Tua liberdade. A liberdade, o intelecto livre e a ciência levá-las-ão para brenhas tão intransitáveis e colocá-las-ão perante tais milagres e mistérios irresolúveis que algumas delas, indomáveis e ferozes, exterminar-se-ão a si próprias, e as outras, insubmissas mas fracas, exterminar-se-ão umas às outras, e outras ainda, as restantes, fracas e infelizes, rojar-se-ão aos nossos pés e clamarão: "Sim, tínheis razão, éreis os únicos que possuíeis o mistério Dele, voltamos para vós, salvai-nos de nós próprias." Ao receberem o pão das nossas mãos, verão claramente que tomamos o pão delas, criado pelas suas próprias mãos, e o distribuímos por elas, sem qualquer milagre; verão que não transformámos as pedras em pães mas, muito mais do que o pão em si, dar-lhes-á felicidade recebê-lo das nossas mãos! Porque se lembrarão muito bem de que antes, sem nós, os pães que ganhavam se transformavam em pedras nas suas mãos; e, quando voltaram para nós, essas pedras transformaram-se nas suas mãos em pães. Perceberão muito, mas muito bem o alto valor da submissão definitiva, para sempre! E enquanto as pessoas o não perceberem serão desgraçadas. Diz lá, quem, mais do que todos, contribuiu para esta incompreensão? Quem fragmentou o rebanho e o dispersou pelos caminhos desconhecidos? Mas o rebanho vai reunir-se outra vez e ficará submisso de uma vez por todas. Então daremos às pessoas uma felicidade sossegada e submissa, a felicidade das criaturas fracas tal como foram criadas. Oh, convencê-las-emos a que deixem de ser orgulhosas, porque Tu as elevaste e, com isso, lhes ensinaste o orgulho; provar-lhes-emos que são fracas, que são apenas crianças insignificantes e que a felicidade infantil é a mais doce de todas. 'Tornar-se-ão tímidas e vão pôr-se a olhar para nós, e abrigar-se-ão em nós cheias de medo, como os pintainhos debaixo da galinha. Vão admirar-nos e temer-nos, e orgulhar-se por sermos tão fortes e tão sábios ao levarmos à obediência o seu rebanho rebelde de milhares de milhões. Tremerão, sem forças, perante a nossa ira, as suas mentes tornar-se-ão tímidas, os seus olhos lacrimosos, como os das mulheres e das crianças, mas tudo passará com facilidade, a uma ordem nossa, para a alegria e o riso, para a alegria despreocupada e a cantiga infantil. Sim, obrigá-las-emos a trabalhar, mas nas suas horas livres do trabalho organizaremos a vida deles como uma brincadeira infantil, com cantigas em coro, com danças ingénuas. Oh, permitir-lhes-emos também o pecado, eles são fracos e impotentes e vão amar-nos como crianças por lhes termos permitido pecar. Dir-lhes-emos que cada pecado será redimido se for cometido com a nossa autorização; ora bem, damos-lhes esta licença para pecar porque gostamos deles e aceitamos tornar o castigo pelos pecados deles a nosso próprio cargo. Assumiremos a responsabilidade pelos pecados, e as pessoas vão adorar-nos como benfeitores que assumiram os pecados delas perante Deus. E não

esconderão de nós quaisquer segredos. Vamos permitir-lhes ou proibir-lhes viverem com as suas mulheres ou amantes, terem ou não terem filhos, tudo em função da obediência deles, e eles vão obedecer-nos com alegria. Vão contar-nos tudo, tudo, os mais dolorosos segredos da sua consciência, e absolveremos tudo, e eles vão acreditar nas nossas decisões com alegria porque, assim, serão libertados da grande preocupação e dos terríveis tormentos de tomar as decisões pessoais e livres que têm hoje em dia de tomar. E todos serão felizes, todos os milhões de seres humanos, à exceção de umas centenas de milhares dos seus governantes. Porque só nós, os que guardamos o mistério, seremos infelizes. Haverá milhares de milhões de crianças felizes e cem mil sofrendores que carregam com o fardo do conhecimento do bem e do mal. Eles morrerão serenamente, apagar-se-ão serenamente em Teu nome e, para lá do túmulo, obterão apenas a morte. Mas guardaremos o segredo e, para a felicidade deles, vamos seduzi-los com a recompensa celestial e eterna. Porque, mesmo que houvesse qualquer coisa no outro mundo, nunca seria para criaturas como eles. Diz-se e profetiza-se que virás e de novo vencerás, que virás com os Teus eleitos, com os Teus orgulhosos e fortes, mas diremos que esses só se salvaram a si mesmos, enquanto nós salvámos todos. Dizem que será sujeita ao opróbrio a prostituta que monta a besta e segura nas suas mãos o mistério, que os fracos se revoltarão de novo e rasgarão o manto de púrpura dela, e que desnudarão o seu corpo «repugnante». Então levanto-me eu e indico-te milhares de milhões de crianças felizes que não conheceram o pecado. E nós, que assumimos a responsabilidade pelos pecados dessas crianças, para a felicidade delas, compareceremos diante de Ti e diremos: "Julga-nos, se podes e Te atreves." Fica sabendo que não tenho medo de Ti. Fica sabendo que também eu estive no deserto, me alimentei de gafanhotos e raízes, que também eu abençoei a liberdade com que abençoaste as pessoas, e que também me preparei para entrar nas fileiras dos Teus eleitos, dos poderosos e fortes, ansiando por "completar o número". Mas caí em mim e não quis servir a loucura. Voltei e juntei-me à legião daqueles que corrigiram a Tua obra. Abandonei os orgulhosos e voltei para junto dos submissos, em prol da felicidade desses submissos. O que Te digo vai cumprir-se, e o nosso reino será construído. Repito-Te que amanhã mesmo verás este rebanho submisso que, ao meu primeiro sinal, correrá para atear com brasas a Tua fogueira, fogueira em que Te queimarei, porque vieste estorvar-nos. Porque se alguma vez existiu alguém que mais merecesse a nossa fogueira, esse alguém és Tu. Amanhã queimar-Te-ei. *Dixi.*»

Ivan calou-se. Exaltara-se muito enquanto falava, era grande o seu entusiasmo, mas, quando acabou, sorriu inesperadamente.

Aliocha, que ouvia o irmão em silêncio e, já para o fim, numa emoção extrema, quis interromper-lhe muitas vezes o discurso mas acabou por se conter sempre. Agora, como se tivesse perdido a contenção, desatou a falar.

—Mas... é um absurdo! — gritou, muito vermelho. O teu poema é um louvor a Cristo, e não uma injúria... como quiseste fazer crer. E quem vai acreditar naquilo da liberdade? Será necessário entendê-la assim? Será essa a compreensão dela na nossa fé ortodoxa?... Isso é Roma, e nem sequer toda a Roma, não é uma verdade de todos eles... apenas dos piores do catolicismo, os inquisidores, os jesuítas!... E não é possível ter alguma vez existido a personagem fantástica do teu inquisidor. Que pecados humanos os outros tomaram à sua conta? Que portadores de mistério tomaram à sua conta a tal maldição em prol da felicidade das pessoas? Quem os viu alguma vez? Conhecemos os jesuítas, fala-se mal deles, mas serão eles tal como os descreves? Não,

eles não são nada disso... São apenas um exército romano para o futuro reino romano em toda a Terra, liderado pelo imperador, que é o sumo pontífice romano... é este o ideal deles, mas sem quaisquer mistérios e sem essa tristeza sublime... O mais elementar desejo de poder, dos imundos bens terrenos, de escravização... um género de futura servidão da gleba, o seu desejo de serem proprietários de escravos... e mais nada. Talvez nem sequer tenham fé em Deus. O teu inquisidor sofredor não passa de uma fantasia...

— Espera, espera - ria-se Ivan -, exaltaste-te de mais! Uma fantasia, dizes tu, pois que seja! Claro que é uma fantasia. Mas permite-me que te diga: será que pensas realmente que todo este movimento católico dos últimos séculos é apenas um desejo de poder, que tem a única finalidade de obter bens imundos? Não será o padre Paíssi quem te ensina essas coisas?

— Não, não, pelo contrário, o padre Paíssi disse uma vez algo parecido com o que tu disseste... é claro que não foi mesmo isso, não foi nada disso — emendou Aliocha.

— É uma informação preciosa, apesar do teu «nada disso». A pergunta que te faço é precisamente esta: por que é que os jesuítas e os inquisidores se uniram para obter apenas os repugnantes bens materiais? Por que razão é impossível aparecer entre eles algum verdadeiro sofredor, atormentado pela grande amargura e com amor à humanidade? Ouve, supõe que foi encontrado pelo menos um, no meio de todos aqueles que apenas desejam bens materiais e imundos, pelo menos um homem, como o meu inquisidor, que também comia raízes no deserto e que também se desvairava, mortificando o seu corpo para se tornar livre e perfeito, mas que apesar de tudo, durante toda a sua vida, amou a humanidade e, de repente, abriu os olhos e viu que não valia muito o prazer moral de atingir a perfeição da vontade quando, ao mesmo tempo, os milhões das restantes criaturas de Deus continuavam a ser criadas por gozo, que nunca poderiam lidar bem com a sua liberdade, que os rebeldes miseráveis nunca se tornariam gigantes capazes de concluir a construção da Torre, que não fora para estes bichos que o grande idealista sonhara a sua harmonia. Ao perceber tudo isso, voltou e... juntou-se à gente inteligente. Será que não poderia acontecer uma coisa dessas?

— Juntou-se a quem? A que gente inteligente se juntou? — exclamou Aliocha à beira da exaltação. — Não têm inteligência nenhuma, nem mistérios, nem segredos... O único segredo deles é apenas uma descrença. O teu inquisidor não tem fé em Deus, é esse o segredo dele!

— E depois? Finalmente, percebeste. De facto é assim, é realmente nisso que reside todo o segredo... Mas não será isso um sofrimento, mesmo para um homem como este, que gastou toda a sua vida na façanha do deserto e não se curou do amor à humanidade? No ocaso dos seus dias convence-se claramente de que apenas os conselhos do grande e terrível espírito poderiam organizar, de alguma maneira, a vida dos rebeldes fracos, das «criaturas imperfeitas, experimentais, feitas por gozo». Então, ao convencer-se disso, ele vê que é preciso seguir as indicações do espírito sábio, do terrível espírito da morte e da destruição, e para isso aceitar a mentira e a falsidade, e levar as pessoas, já conscientemente, para a morte e para a destruição, enganando-as durante todo o caminho, para que não se dessem conta de para onde estavam a ser levadas, para que estes cegos miseráveis, pelo menos durante o percurso, se considerassem felizes. E, repara, é a mentira em nome daquele em cujo ideal o velho acreditava apaixonadamente durante toda a vida! Não é uma tragédia? E se pelo menos um homem assim aparecesse à cabeça de todo este exército «ansioso

pelo poder apenas para ter bens imundos», não seria o suficiente para acontecer uma tragédia? Mais ainda: basta um homem assim como líder para que surja, finalmente, uma verdadeira ideia dirigente para toda a causa romana com todos os seus exércitos e jesuítas, uma ideia suprema da causa. Digo-te abertamente que tenho uma fé sólida de que este homem único nunca faltou no meio dos líderes do movimento. Quem sabe se estes «únicos» não apareceram também entre os sumos sacerdotes romanos. Quem sabe: talvez este velho maldito, que ama a humanidade com tanta persistência e originalidade, exista ainda hoje na forma de toda uma legião de velhos deste género, e não exista por acaso, mas como uma concórdia, como uma união secreta, há muito organizada para guardar o mistério, para o esconder da gente fraca e desgraçada com o objectivo de fazê-la feliz. Deve existir, tem de existir logicamente. Tenho a sensação de que mesmo os maçons devem ter alguma coisa semelhante a este mistério nos fundamentos deles e que os católicos odeiam tanto os maçons porque vêem neles concorrentes e a fragmentação da ideia, enquanto o rebanho deveria ser único e o pastor também... Aliás, ao defender a minha ideia, faço a figura de um autor que não aguentou a tua crítica. Basta de falar disto.

—Se calhar tu próprio és maçã! — escapou de súbito a Aliocha. — Não tens fé em Deus — acrescentou com grande amargura. Além disso, pareceu-lhe que o irmão olhava para ele com ironia. — Então, qual é o final do teu poema? — perguntou subitamente, olhando para o chão. — Ou já acabou?

—Queria acabá-lo assim: o inquisidor calou-se e esperou algum tempo pela resposta do prisioneiro. O silêncio deste é-lhe penoso. Vira que o prisioneiro o ouvia sempre com atenção e serenidade, olhando-o directamente nos olhos e, pelos vistos, não querendo responder nada. O velho gostaria que Ele lhe dissesse pelo menos alguma coisa, nem que fosse amarga, assustadora. O prisioneiro, porém, aproxima-se em silêncio do velho e beija-o nos lábios exangues de noventa anos. É toda a resposta. O velho estremece. Qualquer coisa lhe treme aos cantos da boca. Vai até à porta, abre-a e diz: «Vai-Te embora e não voltes mais... não voltes... nunca, nunca!» E deixa-o sair para as ruas escuras da cidade. O prisioneiro afasta-se.

— E o velho?

— O beijo arde-lhe no coração, mas fica com a sua ideia.

— E tu com ele, também? — exclamou Aliocha com tristeza. Ivan riu-se.

— Mas, Aliocha, isto não passa de uma ninharia, é apenas um poema desajeitado de um estudante inepto que nunca na vida conseguiu escrever sequer dois versos. Por que o levas tão a sério? Não estás a pensar que eu vou já daqui a correr, direito aos jesuítas, para me juntar à legião daqueles que estão a corrigir a obra Dele, pois não? Oh, meu Deus, quero lá saber! Já te disse: quero apenas chegar aos trinta anos e, depois... parto a taça!

— E as folhinhas pegajosas, e os túmulos queridos, e o céu azul, e a mulher amada? Como é que vais viver, como é que vais amá-los? — exclamou Aliocha amargamente. — Será possível com esse inferno no peito e na cabeça? Não, com certeza vais lá para te juntares a eles... de outro modo, matas-te a ti próprio, não aguentas!

— Há uma força que aguenta tudo! — disse Ivan com uma ironia fina.

— Que força?

— A força karamazovista... a força da infâmia dos Karamázov.

— Quer dizer, o afundamento na depravação, o esmagamento da alma na corrupção, não é?

— Talvez isso, também... mas até aos trinta ainda talvez seja capaz de o evitar, e

depois...

— Evitar como? Por que meios? Com as tuas ideias, é impossível.

— Evito-o à maneira dos Karamázov.

— Quer dizer, «tudo é permitido»? Tudo permitido, é isso?

Ivan carregou o sobrolho e, de repente, empalideceu estranhamente.

— Ah, ah, repetiste a palavrinha de ontem, que tanto ofendeu o Miúsov... e que alterou de modo tão ingénuo o maninho Dmítri! — disse com um sorriso torto. — Sim, talvez, «tudo permitido», já que tal foi pronunciado. Não o nego. A versão do Dmítri também não é má.

Aliocha, calado, olhava para o irmão.

— Meu amigo, na hora da partida eu pensava que te tinha ao menos a ti no mundo — disse de súbito Ivan com uma força de sentimento inesperada —, mas agora vejo que no teu coração também não há lugar para mim, meu caro anacoreta. Não rejeitaria a fórmula do «tudo é permitido»... E agora? Vais rejeitar-me por isso, é, é?

Aliocha levantou-se, aproximou-se dele e beijou-o nos lábios, serenamente, em silêncio.

— Plágio literário! — gritou Ivan com um súbito entusiasmo. — Roubaste-o do meu poema! Mesmo assim, obrigado. Levanta-te, Aliocha, vamos, já são horas para mim e para ti.

Saíram para a rua, mas ficaram parados à porta do restaurante.

— É o seguinte, Aliocha — disse Ivan numa voz firme. — Se realmente eu for capaz de amar as folhinhas pegajosas, apenas as amarei lembrando-me de ti. Basta-me pensar que existes algures para não perder a vontade de viver. Isso chega, para ti? Se quiseres, toma-o como unia declaração de amor. Mas agora meto para a direita, e tu para a esquerda... e basta, ouviste, basta. Ou seja, se porventura eu não partir amanhã (mas parece-me que vou partir mesmo) e se nos encontrarmos por acaso, não fales mais comigo sobre todos estes temas. Peço-te encarecidamente. E também sobre o nosso irmão Dmítri, peço-te em especial que nunca mais fales dele comigo — acrescentou de repente com irritação —, está tudo dito, esgotado, não é? Da minha parte, faço-te também uma promessa: quando, aos trinta anos, eu quiser «quebrar a taça contra o chão», então, estejas onde estiveres, virei mais uma vez para falar contigo... nem que seja preciso vir da América, podes ter a certeza. Virei de propósito. Terei grande curiosidade em ver-te nessa altura: como serás tu então? Como vês, é uma promessa bastante solene. Na verdade, estamos a despedir--nos por uns sete ou dez anos. Está bem, agora vai ter com o teu Pater Seraphicus, está a morrer... Se ele morrer sem ti, se calhar ficas zangado comigo por te ter demorado tanto tempo. Adeus, beija-me mais uma vez, assim mesmo, agora vai...

Ivan, num repente, voltou-se e avançou pelo seu caminho sem olhar para trás. Partia da mesma maneira que, na véspera, partira o seu irmão Dmítri, embora esta fosse uma partida de outro género. Esta estranha observação passou como, uma fálscia pela mente triste de Aliocha, uma mente tão amargurada neste momento. Esperou um pouco, sempre com os olhos cravados nas costas do irmão. Por qualquer razão, reparou de repente que o irmão andava como que a baloiçar e que o seu ombro direito, visto de costas, parecia mais baixo do que o esquerdo. Nunca antes reparara nisso. Depois Aliocha deu meia volta e deitou a correr na direcção do mosteiro. Já escurecia e estava quase com medo; qualquer coisa nova, a que não podia dar resposta, crescia dentro dele. Tal como na véspera, levantou-se o vento, os pinheiros seculares ramalhavam soturnamente à sua volta quando entrou no bosque da

ermida. Ia depressa, quase a correr. «"Pater Seraphicus"... O Ivan deve ter tirado de algum lado este nome... mas donde?», passou pela cabeça de Aliocha. «Ivan, pobre Ivan, quando te verei outra vez?... É já a ermida, meu Deus! Sim, sim, é ele, é ele o Pater Seraphicus, é ele e vai salvar-me... dele e para sempre!»

Mais tarde, várias vezes na sua vida, Aliocha viria a recordar com grande perplexidade como foi capaz, depois de se ter despedido de Ivan, de se ter esquecido por completo do irmão Dmíttri, a quem ainda de manhã, poucas horas antes, queria encontrar sem falta, nem que fosse preciso ficar na cidade e não voltar esta noite ao mosteiro.